

A MEDIAÇÃO CULTURAL EM AUGUSTO FRANCO

Luiz Antônio Paganini
UFMG

A vida e a obra do polígrafo mineiro Augusto Fidelis Franco (1877-1909) apresentam aspectos interessantes para um estudioso da vida literária em Minas Gerais entre os fins do século XIX e primeiros anos do século XX. Se observarmos a sua biografia, veremos um intelectual como muitos outros do mesmo período no Brasil. As características de sua trajetória intelectual, de seu percurso como letrado numa sociedade profundamente desigual e de muitos analfabetos, assemelham-se àquelas analisadas por Sérgio Miceli em *Poder, sexo e letras na República Velha (estudo clínico dos anatolianos)*¹. E se focalizarmos a sua obra, veremos que, ingressando na carreira das letras como jornalista, Augusto Franco prosseguiu a sua história intelectual como ficcionista, crítico literário, biógrafo e autor de ensaios sobre temas jurídicos, econômicos e sociais. Essa tendência ao poligrafismo era bem comum naquela época. O que pode diferenciá-lo dos demais escritores mineiros daquele período é a sua progressiva especialização em crítica literária e o seu grande interesse por questões filosóficas e sociológicas. Outro aspecto que o distingue dos seus contemporâneos mineiros é a sua filiação às idéias da Escola do Recife. Este é um ponto significativo em sua obra: Franco foi um ativo representante daquelas idéias em ambiente fortemente influenciado pelo positivismo comtiano que chegava a Minas principalmente através dos jovens bacharéis vindos da Faculdade de Direito de São Paulo. Ele fazia parte do pequeno grupo que, reunido em torno de Sílvio Romero, tentava fazer proselitismo da Escola do Recife na região Sudeste. O grupo era formado, além de Graça Aranha e de Fausto Cardoso, por vários estudiosos como Artur Guimarães, Tito Lívio de Castro, Samuel de Oliveira

¹ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.13-68.

e alguns outros.² O envolvimento de Augusto Franco na divulgação e defesa das idéias dos membros da Escola traduzia-se na elaboração de ensaios, resenhas e chegava até às polêmicas e à edição de livros ou de textos encomendados a outros intelectuais. A sua atuação como editor do opúsculo *Passe recibo*, de Sílvio Romero, um dos textos fundamentais da polêmica entre este crítico e o historiador português Teófilo Braga, é um exemplo desse engajamento. Além disso, Franco foi o autor do prefácio e do posfácio do referido opúsculo, nos quais defendeu fortemente o crítico brasileiro, exaltando-o com um fervor quase religioso. A mediação realizada por Franco entre as idéias e práticas dos membros da Escola do Recife e os leitores da região Sudeste, especialmente os mineiros, não ocorreu sem tensões. As suas polêmicas o demonstram.

Há também um outro aspecto interessante a se considerar nesse processo: o seu germanismo, demonstrado pela adoção de teorias, uso de citações e de referências bibliográficas alemãs, que entrava em confronto com as expectativas do público leitor mineiro e brasileiro daquela época, de formação intelectual marcadamente francesa. Pelo modo como utilizou o alemão em seus textos, Augusto Franco poderia ser comparado a certos simbolistas brasileiros, os quais buscavam marcar uma distinção entre o escritor e a massa ignara através da produção de obras escritas em francês. Assim, o germanismo de Augusto Franco poderia ser visto como demonstração da posse de um conhecimento incomum (“O alemão como algo raro e caro, como um ouro literário deslumbrante: o ouro do Reno”, nas palavras de Nelson Saldanha³), como prova de atualização cultural ou como um modo de integração no seio da Escola do Recife. O seu germanismo manifestava-se sob a forma de uma prática intertextual, de um mosaico de citações e de referências bibliográficas. É no jogo entre as citações em alemão, as notas de rodapé e as indicações bibliográficas no corpo dos textos que percebemos o aspecto ambíguo de sua

² PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. Rio de Janeiro: Saga, 1966. p.79-81.

³ SALDANHA, Nelson. A “Escola do Recife” na evolução do pensamento brasileiro. In: CRIPPA, Adolpho (Org.). *As idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1978. p.109.

recepção. Se, em alguns momentos, as palavras, expressões e textos ganham uma tradução, condescendendo com o leitor que não sabe a língua de Kant, em outros, eles aparecem sem tradução ou paráfrase em português, exigindo competência no entendimento daquele idioma. Ao lado disso, as referências bibliográficas em alemão complicam o acesso aos textos, se pensarmos como Compagnon, para quem é a bibliografia contida numa obra que desperta o nosso desejo de ler um livro, mais do que a fotografia do autor ou a sua biografia na capa. É através dela que percebemos se o texto nos será acessível, se nos exigiria um esforço muito grande, se nos conforta com a sensação de pertencer ao mesmo mundo do autor e se nos dá um prazer de reconhecimento idêntico ao experimentado quando percorremos um território já visitado.⁴

Entretanto, o uso do alemão e de referências bibliográficas alemãs era, para Augusto Franco, apenas um recurso e não o único. De fato, o crítico mineiro valia-se de fontes bibliográficas de origens diversas. O alemão foi mais empregado na última fase de sua obra, principalmente nos textos dedicados às questões do direito e da sociologia, enquanto o francês dominou a primeira fase. Já na crítica literária, as idéias que mais o marcaram foram de autores franceses. Os críticos de quem ele mesmo se dizia admirador e dos quais julgava-se devedor eram Taine, Zola, Bourget, Hennequin e Sainte-Beuve.⁵

Uma outra tensão encontrada nos seus textos, quase todos publicados inicialmente em jornais, refere-se à especificidade dos meios de comunicação utilizados. Ao serem escritos para um público muito amplo, o dos jornais, os seus textos tendem a uma certa sinteticidade na abordagem dos temas. Porém, notamos que ele demonstrava, por outro lado, uma preocupação crescente com a cientificidade e o rigor analítico. Assim, ao mesmo tempo que ele seguia uma

⁴ COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. p.75.

⁵ FRANCO, Augusto. *Estudos e escritos: esboços e crônicas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1906. p.130-131.

tendência daquela época – o texto curto, também se opunha a outras tendências, a da superficialidade dos textos e a da recepção desatenta.⁶ Então, ao ir contra a corrente da superficialidade, Franco sujeitava-se ao risco de não ser compreendido e de suas obras não serem adquiridas. Isso tornou a trajetória intelectual de Augusto Franco ainda mais complicada. Ele tinha consciência do baixo consumo de livros teórico-científicos pelos leitores brasileiros entre os fins do século XIX e início do século XX e, mesmo assim, continuou escrevendo e publicando obras que não faziam parte dos gêneros de textos mais procurados nas livrarias. No ensaio “Verdades Insuspeitas”, de 1900, e publicado no livro *Fragmentos literários*, Franco aborda o problema da profissionalização dos escritores brasileiros e do mercado literário, denunciando que a indiferença dos leitores pela literatura só era superada pelos romances que traziam “a nota do escândalo, o cunho da pornografia, o traço da imoralidade, ou o lado mau dos caracteres humanos, das torpezas e fraquezas da espécie.”⁷ Para sustentar-se, o escritor brasileiro teria necessariamente que ter um outro trabalho ou possuir capital proveniente de fortuna familiar.

O ingresso de Augusto Franco na vida intelectual pode ser associado ao efeito provocado por aquilo que Sérgio Miceli chamou de *handicap* social (a morte do pai, a falência da família, etc.).⁸ Muito cedo, após passar por dificuldades financeiras e perder a pequena propriedade rural, sua família teve que se mudar para Benfica, no município de Juiz de Fora, onde Augusto começou a trabalhar, ainda muito jovem, como caixeiro. Seu esforço para estudar foi grande, mas ele acabou tornando-se, algum tempo depois, regente e professor de português no Liceu Santa Cruz, de Barbacena. Nesta cidade, principiou também a colaborar na imprensa. Voltando para Juiz de Fora, ele deu continuidade ao seu trabalho jornalístico, que tornou-se, daí por diante, a sua

⁶ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 103.

⁷ FRANCO, Augusto. *Fragmentos literários: crônicas ligeiras*. Belo Horizonte: Tip. Beltrão, 1904. p.10.

⁸ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 22.

principal atividade. Ao encaminhar-se para o jornalismo, Franco realizava um movimento idêntico ao de vários personagens da vida cultural daquela época. Como aponta Flora Süssekind, para os intelectuais da virada do século, o trabalho na imprensa era a sua “atividade central não só porque possibilitava certo grau de profissionalização, mas também pelo aumento de prestígio e influência política que os homens de letras pareciam adquirir ao mesmo tempo que entravam de cabeça na atividade jornalística.”⁹

Depois de trabalhar na imprensa de Juiz de Fora, Augusto Franco mudou-se para Belo Horizonte para secretariar a redação do jornal *Diário de Minas*, que representava os interesses do PRM (Partido Republicano Mineiro), a convite de um importante político, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que, de certo modo, desempenhou o papel de seu padrinho. Por suas relações com os políticos poderosos do PRM, conseguiu um emprego no *Minas Gerais*, jornal oficial do Estado de Minas Gerais.

Enveredando-se pelo jornalismo, Augusto Franco tornou-se um profissional conhecido em sua província, mas desejava alcançar um público mais amplo e ascender socialmente. A transferência para Belo Horizonte, cidade ainda em construção, representava um aumento nas suas possibilidades de trabalho na imprensa e de publicação de suas obras em livro. Mas a voz de Franco era descentrada porque vinha desse lugar novo e periférico. O crítico e polemista mineiro produzia os seus textos longe do Rio de Janeiro, o “foco principal de convergência das aspirações à consagração literária.”¹⁰ De certo modo, podemos dizer que ele era uma voz solitária em Minas, onde não encontrou muitos interlocutores. Por isso, procurou estabelecer um diálogo com autores de outros países. Na sua última obra publicada em forma de opúsculo, *Direito e economia*,

⁹ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.75.

¹⁰ FRANCO, Augusto. *Estudos e escritos: esboços e crônicas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1906. p. 346.

Franco listou os escritores e estudiosos estrangeiros que teriam lido os seus textos. Entre eles encontram-se uruguaios, argentinos, italianos, franceses e alemães.¹¹

O jornalismo, nos primeiros anos de Belo Horizonte, era considerado como uma atividade transitória por muitos que o praticavam. Constituía, então, para os estudantes universitários, um meio de subsistência e, para os recém-formados, uma forma de sustento enquanto não conseguiam um emprego definitivo. Alguns sonhavam em conquistar uma certa estabilidade na imprensa, contando com bons salários. Mas isto só ocorria nos jornais ligados ao poder: o *Minas Gerais* e o *Diário de Minas*.

Uma parte significativa do sistema de produção intelectual mineiro realizava-se através da proteção a um grupo de escritores pelo poder público, o que Fernando Correia Dias considerou como uma “modalidade peculiar de mecenato”.¹² Havia o estabelecimento de uma vinculação entre vida literária e o emprego garantido pelos governos, geralmente sob a forma de colaboração nos jornais antes mencionados. Nesse processo, ocorria a cooptação ideológica dos escritores pelo partido político dominante, o PRM. Em alguns casos, os jornalistas acumulavam funções burocráticas com o trabalho na imprensa, sendo que os redatores do *Diário de Minas* ou do *Minas Gerais*, quando trabalhavam em outro órgão do governo, podiam ser considerados duplamente funcionários públicos. Entre esses poucos casos encontra-se Augusto Franco. Em 1906, ele passou a dirigir interinamente a Imprensa Oficial de Minas Gerais enquanto editava o jornal *Vida Mineira*, que apoiava integralmente o governo Francisco Sales. Este jornal, provavelmente financiado pelo próprio governo, manteve acirrada polêmica com outros dois jornais, *O Estado de Minas*, jornal homônimo ao de propriedade dos Diários Associados, e *A Epocha*. O jornal

¹¹ FRANCO, Augusto. *Direito e economia*: duas provas escritas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1907. p. 6-7.

¹² DIAS, Fernando Correia. *O movimento modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1968. (Tese, Doutorado). p.50.

Vida Mineira desempenhava duas funções políticas: a primeira, de justificação das ações do governo, e a segunda, de combate às idéias políticas que não se coadunavam com os projetos das elites dominantes como o socialismo e o anarquismo. Ao lado dessas funções, o jornal dirigido por Augusto Franco combatia as idéias literárias que rompiam com a representação realista e com os ideais nacionalistas. Sua participação nessa polêmica político-literária em Belo Horizonte deve ser entendida também como um modo de salvar a própria imagem pública, progressivamente deformada e destruída pelos ataques de seus adversários.

A partir do estudo de Sérgio Miceli, podemos perceber que a relação de Augusto Franco com o poder político não tinha nada de incomum com o que prevalecia no resto do país. O sistema de produção cultural brasileiro funcionava assim. Quase não havia escapatória.

Não havendo, na República Velha, posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação.¹³

Uma outra faceta da atuação cultural de Augusto Franco foi a organização, juntamente com os jornalistas Noronha Guarany e Mário de Lima, de uma mostra do pintor acadêmico A. Delpino em 1906. Ela foi, provavelmente, uma das primeiras exposições de arte realizadas na nova capital de Minas Gerais. O texto de apresentação da mostra no *Minas Gerais* provocou uma discussão entre os jornalistas responsáveis pelo jornal *O Estado de Minas* e o editor de *Vida Mineira*, parte daquela polêmica entre estes mesmos jornais.

Passemos à atividade crítica de Augusto Franco. Em Minas Gerais, ao lado de resenhas apenas apologéticas ou censuras ferozes sem nenhuma preocupação teórica, Franco tentava fundamentar as suas análises, esboçando um projeto de crítica científica. A sua reação contra o tipo de leitura crítica predominante nos jornais mineiros fica evidente em um texto do livro

Linhas de crítica, de 1900, no qual ele reprova as resenhas anônimas e acanhadas “no tamanho e nos conceitos”.¹⁴

Vejamos qual era a função do crítico para Augusto Franco. De acordo com a teorização desenvolvida na primeira fase de sua obra, dedicada mais aos estudos literários, o crítico faz parte do público leitor. Ele provém desse público, mas é um leitor especializado, que desempenha a função de “diretor mental dos que escrevem e orientador dos que lêem”.¹⁵ Já no interessante texto publicado no livro *O momento literário*, de João do Rio, e mais tarde no seu próprio livro *Estudos e escritos*, o crítico brasileiro passa a ser entendido como um definidor das obras de valor (que, para ele, não correspondem inteiramente às obras de sucesso comercial) e como um integrador das literaturas regionais, formando assim a literatura nacional. A avaliação das obras literárias realizada pelo crítico serviria para tornar conhecidas as obras de qualidade superior e para estimular os contatos entre os escritores. Assim, para ele, a crítica deveria ser “um instrumento prático e honesto de vulgarização dos bons trabalhos e um veículo justiceiro para a coesão das capacidades intelectuais”.¹⁶ Seguindo o exemplo de Sílvio Romero, o crítico mineiro pretendia escrever uma história da literatura mineira para “tornar bem conhecida, por toda a parte, a intelectualidade mineira”.¹⁷ Pretendia editar, ele mesmo, o livro e distribuí-lo em todos os estados brasileiros e “até pelos países das Américas e pelos da Europa”.¹⁸ O projeto não se concretizou por falta de condições materiais, mas o texto *Alguns prosadores locais (notas ligeiras)*, publicado no livro *Linhas de crítica*, pode ser tomado como um pequeno esboço de uma parte da obra que

¹³ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.17.

¹⁴ FRANCO, Augusto. *Linhas de crítica*. Juiz de Fora: Papelaria e Tipografia Progresso, 1900. p. 66

¹⁵ Ibidem. p. 67.

¹⁶ FRANCO, Augusto. *Estudos e escritos: esboços e crônicas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1906. p. 344.

¹⁷ Ibidem. p. 335.

¹⁸ Ibidem. p. 334.

desejava realizar – o estudo da literatura mineira na última década do século XIX. Por outro lado, Franco declarou ter apresentado um grande número de escritores e obras originários de outros estados aos leitores mineiros.¹⁹

Já a promoção do estreitamento de relações literárias e científicas entre as nações mereceu uma apaixonada defesa de Franco. No texto intitulado *A crítica literária*, ele lembrou a figura de Tobias Barreto, defensor da idéia de uma associação internacional em estudos literários, a qual teria sede na Alemanha, visando a realização da “crítica rigorosa e imparcial das produções literárias de todos os países civilizados”.²⁰ Cada país teria o seu representante nessa associação. A atuação desses representantes teria por finalidade a difusão da literatura de cada país através das traduções e das leituras críticas. Franco continuou a sua exposição citando os nomes de outros autores que também seriam adeptos da criação dessa associação e afirmou que essa idéia já teria produzido frutos na França, na Holanda, na Rússia, na Inglaterra, na Itália e na Espanha.²¹

De acordo com Sandra Nitrini, o ensaio *Traços de literatura comparada no século XIX*, de Tobias Barreto, é um dos primeiros textos sobre literatura comparada no Brasil.²² Ao se colocar ao lado de Barreto na proposta da tal associação, Franco talvez seja um dos pioneiros em Minas Gerais no interesse pela literatura comparada. Interesse que reapareceria em outro ensaio, *Émile Zola (crítico)*, de 1902. Nessa obra, ele apontou um defeito que a crítica de Zola apresentaria: “Jamais Zola empreendeu um estudo comparativo, com certa largueza e ampliação, das diferentes literaturas estrangeiras contemporâneas da do seu país.”²³ Portanto, o estreitamento do espaço das análises literárias era considerado por ele como negativo e deveria ser superado.

¹⁹ Ibidem. p. 335.

²⁰ FRANCO, Augusto. *Fragments literários: crônicas ligeiras*. Belo Horizonte: Tip. Beltrão, 1904. p.210.

²¹ Ibidem. p.212.

²² NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p.189.

²³ FRANCO, Augusto. op. cit. p. 66.

Como podemos ver, Augusto Franco era um intelectual promissor que teve a sua trajetória interrompida pela morte prematura aos 32 anos. Sobre a sua produção, repetiremos as palavras de Fábio Lucas: “Tudo prometia que Augusto Franco poderia vir a escrever mais e melhor. O que deixou, no entanto, não é obra que se deva desprezar.”²⁴

²⁴ LUCAS, Fábio. *Horizontes da crítica*. [s.l.]: Movimento-Perspectiva, 1965. p.119.